



Leila Diniz. Personagem tabu para o Feminismo. Rebelde de uma nova fibra dos anos 60, que não se ajustou à matriz “de esquerda” do movimento de mulheres (a-hierárquica, nunca viu com bons olhos musas).

Singularidade em oposição às práticas coletivas e conscientizadoras. Mito sexual e não apenas mulher sexualmente livre e assumida. Símbolo de beleza feminina, traço incômodo e redutor, nas sociedades patriarcais, da naturalização do ser mulher, tema alvo das denúncias contra a mulher-objeto.

Após 20 anos de sua morte a REF abre, a convite de Eli Diniz, responsável pela reunião de quase todos os textos aqui publicados, o dossiê sobre aquela que encarnou e encarna ainda no Brasil *Todas as Mulheres do Mundo*.

Síntese que faz a unanimidade entre os que a conheceram e amaram e entre os que a admiram por tê-la descoberto naquilo que tinha de mais arraigado: um ser próprio. Individualidade excessivamente marcada e marcante.

O Feminismo organizado e ativista não incluiu ainda o quadro de Leila Diniz na galeria das suas figuras modelares. Paradoxo, reticências fundadas ou veios de sectarismo freqüentes nos movimentos sociais?

# LEILA DINIZ: a arte de ser sem esconder o ser<sup>1</sup>

**MIRIAN GOLDENBERG**

*Leila Diniz - sobre as convenções esfarinhadas  
mas recalitrantes, sobre as hipocrisias seculares e  
medulares: o riso aberto, a linguagem desimpedida, a  
festa matinal do corpo, a revelação da vida.*

*Leila Diniz - o nome acetinado do cartão-postal,  
o sobrenome de cristal finindo e partindo-se, como se parte,  
mil estilhas cintilantes, o avião no espaço - para sempre.*

*Para sempre - o ritmo da alegria, samba carioca  
no imprevisto da professorinha ensinando a crianças, a  
adultos, ao povo todo, a arte de ser sem esconder o ser.*

*Leila para sempre Diniz, feliz na lembrança  
gravada: moça que sem discurso nem requerimento  
soltou as mulheres de 20 anos presas no tronco de uma  
especial escravidão.*

*Carlos Drummond de Andrade*

Por que Leila Diniz se transformou em símbolo de mulher revolucionária? Por que, em um momento de liberação feminina, foi Leila uma das mulheres mais marcantes da década de 60?

Estas questões, ou melhor, inquietações, me acompanham desde o início de 1992, como enigmas a serem decifrados. Avancei um pouco, nestes anos de intensa pesquisa, mas não consegui ainda a resposta definitiva deste segredo.

Como disse Leila, em uma de suas inúmeras entrevistas: "Melo Inconsciente, me tornei mito e ídolo, ou mulher símbolo da liberdade, pregadora-mór do amor livre. Muita gente não entende o que é isso. Só quero que o amor seja simples, honesto, sem os tabus e fantasias que as pessoas lhe dão".

Talvez nesta frase estejam algumas das peças deste *puzzle* inacabado: viver o amor e a sexualidade por inteiro, sem tabus e preconceitos,

---

<sup>1</sup> Este artigo é baseado em minha Tese de Doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 11 de março de 1994.

em uma completa entrega ao prazer de cada momento. Liberdade, prazer e alegria me parecem as categorias principais para caracterizar a vida e a personalidade de Leila Diniz.

A trajetória de Leila Diniz, recorrentemente lembrada como **símbolo, mito e musa** da década de 60, permite pensar uma série de questões relacionadas à construção social da identidade feminina no Brasil.

Acredito que o comportamento inovador e transgressor de Leila Diniz foi fortemente influenciado pela relação singular que ela manteve com sua família de origem e pelo clima cultural e político dos anos 60, em especial, na cidade do Rio de Janeiro. Esse conjunto de influências acabou por produzir em Leila o que muitos consideram as principais marcas de sua personalidade: o amor pela liberdade, a alegria contagiante, a irreverência, a autenticidade, a espontaneidade, a coragem **revolucionária** e a sensualidade profundamente feminina.

Falar de Leila implica falar dos anos 60 e do momento político e cultural vivido no país (queda de Jango; golpe militar; censura; militância dos jovens e das mulheres; Cinema Novo; Tropicalismo etc). Nascida em 1945, Leila viveu a década de 60 com particular intensidade, como pode ser percebido em sua trajetória: saiu de casa aos 15 anos (1960), começou a fazer análise aos 16 (1961), foi morar com Domingos de Oliveira aos 17 (1962), separou-se aos 20 (1965), fez sucesso como atriz no filme *Todas as Mulheres do Mundo* aos 22 (1967) e deu uma entrevista histórica a *O Pasquim* aos 24 anos (1969). Como morreu logo no início da década de 70, é nos anos 60 que se concentram quase todos os acontecimentos e atitudes que fariam de Leila Diniz um mito que rompe com a posição tradicional da mulher.

Com o sucesso - de crítica e público - do filme *Todas as Mulheres do Mundo*, em que protagonizava Maria Alice, uma mulher jovem e questionadora - segundo os jornais, uma apologia dela própria -, Leila começou a se transformar em mito, ocupando um espaço importante na mídia, com sua maneira livre e irreverente de ser. De 1967 até sua morte em 1972, em um acidente de avião, o comportamento inovador de Leila tornou-se manchete permanente na mídia. Morrendo aos 27 anos, Leila é até hoje lembrada como uma jovem e bela mulher que revolucionou o comportamento das mulheres de sua geração. A elaboração e reelaboração de sua imagem, após a sua morte, produziram um discurso praticamente unânime a respeito de sua importância como mulher revolucionária.

A década de 60 teve uma importância fundamental nas transformações dos papéis femininos. O movimento feminista, que estava sendo organizado na Europa e nos Estados Unidos, começou a repercutir no Brasil. Os primeiros livros de feministas brasileiras foram publicados. Os jornais, as revistas, o cinema, o teatro e a televisão começaram a dar espaço para uma **nova mulher** preparando o terreno para a década seguinte quando surgiram, em todo o Brasil, os movimentos organizados de mulheres. O trabalho extradoméstico passou a ser valorizado e a mulher começou a exercer profissões não essencialmente femininas, o que modificou substancialmente o papel feminino no domínio público e privado.

Foi, sem dúvida, um período de efervescência cultural, em que dois fenômenos são importantes para compreender as transformações dos papéis femininos: os movimentos de contracultura e a difusão da Psicanálise no Brasil, fenômenos que atingiram, em especial, as camadas médias urbanas e que valorizavam o “aqui e agora” e o Eu. Fenômenos que, por sua vez, são manifestações da ideologia moderna ou individualista que se impõe nos anos 60.

Salem<sup>2</sup> afirma que um individualismo de cunho psicologizante e libertário caracteriza o espírito dos movimentos que eclodem na década de 60, que colocam na ordem do dia temas como a subjetividade, a desrepressão e a radical contestação de todas as instâncias de poder e de todas as autoridades constituídas (o Estado, a família, a Igreja etc). Para a autora, a singularidade desta década reside em ser ela ponto de encontro de várias tendências de pensamento (o existencialismo pós-guerra, o movimento *beat* dos anos 50, as teses reichianas dos anos 20, o feminismo sufragista etc) que postulam que o regime ideal a que deve ser submetido o indivíduo é o da liberação. “A palavra de ordem é libertar os sujeitos de todas as amarras de poder e, no limite, de todo e qualquer constrangimento social”<sup>3</sup>. O “individualismo libertário” elegeu a sexualidade como sua “pedra de toque”, defendendo a liberação plena da sexualidade.

O Rio de Janeiro tornou-se um palco privilegiado para os reflexos deste movimento que ocorria com vigor nos Estados Unidos e na Europa. Em Copacabana e Ipanema encontravam-se os artistas que faziam parte da vanguarda ética e moral do país. Foi neste espaço, que celebrava a transgressão, que Leila construiu um estilo próprio e encontrou seus pares: amigos e namorados. A partir de sua inserção neste mundo, Leila escolheu a profissão de atriz e tornou-se referência obrigatória de uma nova mulher, que exercia a sua liberdade, sem discursos teóricos ou vinculações políticas.

A análise da trajetória de Leila permite refletir sobre as transformações dos modelos de conjugalidade e sexualidade das camadas médias urbanas e nas transformações das representações sobre ser mulher na sociedade brasileira.

Enquanto até os anos 50 a moral religiosa foi o recurso privilegiado para lidar com as vicissitudes da existência humana, indicando a primazia concedida no imaginário desta década à coesão familiar e social sobre os interesses individuais, “no decorrer dos anos 60 a hegemonia desse universo simbólico se desfaz no confronto com idéias novas associadas a uma concepção laica da vida, mais individualista e mais hedonista”<sup>4</sup>. Assim, na década de 60, “a religião é objeto de um questionamento intenso”, tornando-se suspeita de estar mais interessada em sustentar valores tradicionais do que em buscar

---

<sup>2</sup> Salem, Tania. Sobre o ‘Casal Grávido’: incursão em um universo ético. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1987. Tese de Doutorado.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. ‘Individualismo Libertário’ no Imaginário Social dos Anos 60. *Physis*, Revista de Saúde Coletiva 2. Rio de Janeiro: UERJ/Relume-Dumará, 1991, p. 67.

<sup>4</sup> SANTOS, Tania Coelho. Subjetividade e Difusão da Psicanálise: uma discussão da cultura psicanalítica. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia PUC-RJ, 1990, p. 10. Tese de Doutorado.

a **felicidade** individual. O pensamento psicanalítico substituiu, então, o pensamento religioso como recurso privilegiado para lidar com as dificuldades existenciais, com a rejeição “da opressão do homem sobre a mulher, da autoridade dos pais sobre os filhos, da obrigação de exercer a sexualidade dentro dos limites do casamento legítimo, da disciplina escolar”, de todas as práticas, enfim, que eram “percebidas como autoritárias e repressivas”<sup>5</sup>.

Nos anos 50, o principal papel social feminino é o de esposa-mãe, estando ancorado na esfera privada. O principal papel social masculino, ao contrário, estava ancorado na esfera pública, onde pelo seu desempenho profissional o homem deveria assegurar a sobrevivência da família. As revistas destinadas às mulheres desta década refletiam estas representações, reafirmando a “vocação natural” para a maternidade como um destino que não poderia ser recusado sob pena de se perder a essência do ser feminino, de tal forma que tudo que não era diretamente relacionado a ela era considerado *hobby*, passatempo ou estudos que “enchem o tempo enquanto o casamento não se realiza ou os filhos não chegam”<sup>6</sup>. O trabalho extra-doméstico era percebido como um perigo, já que desviava a atenção e os cuidados destinados aos deveres de mãe e esposa.

Com a progressiva modernização e laicização da sociedade, o movimento feminista passou a questionar a naturalização das funções sociais da mulher, investindo pesadamente contra as representações do feminino associadas à moral religiosa: mãe-abnegada, esposa-modelo, dona-de-casa feliz, mulher dócil, meiga, submissa, resignada, sofredora, devota e santa-criatura. A difusão da *Psicanálise* nos anos 60 contribuiu para valorizar a autonomia, a independência, a autenticidade, a mudança, a responsabilidade pessoal, as escolhas conscientes e a auto-realização feminina. O tom da mudança social foi dado pela valorização do trabalho extra-doméstico da mulher, pela reivindicação de igualdade na esfera pública e privada e pela recusa de morais sexuais diferentes para homens e mulheres. O modelo feminino da mulher como esposa-mãe foi enfraquecido pela valorização da mulher como ser autônomo, livre e independente, com direito ao prazer sexual.

Leila Diniz tornou-se um paradigma desta nova mulher com seus comportamentos inovadores. Sem dúvida nenhuma, um de seus comportamentos mais lembrados, até hoje, é a barriga grávida exibida de biquíni em Ipanema, em 1971. Leila subverteu o estereótipo da mãe seduzida que carrega, involuntariamente, um filho de um homem que a abandonou. Mais do que isso, Leila exibiu de forma pioneira a sua gravidez fora do casamento nas praias cariocas. A maternidade desvinculada do casamento surgiu como **escolha** para Leila e não como fatalidade ou infortúnio que deve ser reparado. Antes disso, já havia tido atitudes vanguardistas ao assumir publicamente a sua liberdade e iniciativa sexual, reconhecerem ter tido muitos parceiros sexuais e dissociar sexo de amor e casamento, como fez na entrevista a *O Pasquim*:

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>6</sup> *Ib*, p. 51.

“Eu acho bacana ir pra cama. Eu gosto muito, desde que dê aquela coisa de olho e pele, que já falei. Agora, sobre o amor, eu não acredito nesse amor possessivo e acho muito chato. Você pode amar muito uma pessoa e ir pra cama com outra. Isso já aconteceu comigo (...). Só me arrependo do que deixei de fazer por preconceito, problema e neurose. Já amei gente, já corneei essa gente e elas já entenderam e não teve problema nenhum. Somos todos uma grande família”.

Uma mulher livre, que não se casou, assumiu a maternidade como seu principal sonho e sua maior realização. A barriga grávida deixou de ser um estigma que devia ser escondido para se tornar uma marca positiva, um símbolo de liberação da mulher. Leila criou moda e passou a ser imitada por outras grávidas.

Ao exibir orgulhosamente sua barriga grávida de biquíni, na praia de Ipanema, Leila demonstrou que não respeitava o modelo tradicional de ser mãe e o fazia sorrindo, à luz do sol, à vista de todos. Não só engravidou, sem ser casada, como exibiu uma imagem concorrente à grávida tradicional, que escondia sua barriga. Ao exibir sua barriga, ela materializou, corporificou, seus comportamentos transgressores. A barriga objetivou as práticas consideradas desviantes, que antes eram tornadas públicas através da palavra. Agora seu corpo revelava um novo modelo de ser mãe. Leila fez uma verdadeira revolução simbólica, ao revelar o oculto (a sexualidade feminina fora do controle masculino) em sua barriga grávida ao sol. Leila inventou uma nova forma de **ser mãe**.

Leila marcou um estilo, uma maneira de ser. É quase impossível encontrar uma entrevista sobre Leila (ou fazê-la) em que essas marcas diferenciais não sejam citadas ao menos uma vez: o palavrão, a liberdade sexual, a barriga grávida de biquíni, o filme *Todas as Mulheres do Mundo* e a entrevista a *O Pasquim*. Os depoimentos existentes perseguem o mesmo propósito: provar que Leila Diniz foi uma mulher revolucionária, que se emancipou das condições morais de sua época e transcendeu os limites da rotina cotidiana. Seus comportamentos, que em um primeiro momento são percebidos como desviantes, são posteriormente incorporados pelas mulheres das camadas médias urbanas. Leila parece ter possuído a sensibilidade necessária para pressentir estes movimentos de mudanças (Psicanálise, liberação sexual da mulher, “soltura” do corpo e da linguagem, entre outros) e a audácia indispensável para responder ao desafio social, abandonando os caminhos mais prováveis para uma jovem de sua geração. Assim, ela se distinguiu das jovens das camadas médias de sua época, ao mesmo tempo que concretizou os desejos e aspirações destas jovens.

A trajetória de Leila também pode ser explicada pela relação entre a estrutura de seus capitais acumulados e o estado do campo artístico em que se inseriu, em particular, ao desenvolvimento das posições do campo ao qual sua carreira está ligada. Quando Leila se inseriu no campo artístico, o padrão cosmopolita do TBC já tinha sido deslocado pelo padrão nacional do Arena e do Oficina, no campo teatral. No cinema, o padrão nacionalista estava sofrendo tentativas de reformulação para competir com o padrão americano e conquistar um público maior. O filme *Todas as Mulheres do Mundo* tornou-

se significativo destas transformações, ao se aproximar de uma temática urbana, em que o cinema tentava tomar o próprio mundo social de Leila como temática. O que se pedia a Leila é que ela vivesse nas telas situações semelhantes (ou idênticas) às que ela vivia em sua vida pessoal. Leila podia ser ela mesma na tela. Leila encontrou um estado do campo artístico que permitiu que ela representasse situações muito próximas às de sua vida. O estilo de sua carreira artística é simultaneamente uma forma de elaborar o seu próprio estilo de ser na vida pessoal.

A sobreposição de sua vida privada em sua imagem pública, o não-distanciamento entre o biográfico e o artístico, a utilização da própria vida como matéria-prima de sua arte parecem ser fatores decisivos para explicar o sucesso de Leila Diniz. Há o encontro entre o desejo de elaborar um caminho próprio e a carreira artística como um meio que permitiu esta possibilidade. Atriz e personagens, na tela e na vida, se misturam. Leila encontrou no mundo artístico um espaço próprio, impondo-se mais como uma atriz que desenvolveu comportamentos inovadores do que como atriz propriamente dita. Mas é como atriz que seus comportamentos tiveram projeção pública, construindo-se, assim, a imagem socialmente reconhecida de uma mulher ousada, inovadora, revolucionária.

O estilo de vida de atriz não só permite, como muitas vezes exige, um comportamento ético não regrado, transgressor, desviante. Mas mesmo em uma profissão e em um meio propício à inovação e ao vanguardismo, Leila foi percebida como desviante<sup>7</sup>. Escolhia o trabalho pela "patota", pela diversão que ele lhe proporcionava e não pelo trabalho em si. Não reverenciava o trabalho artístico e não adotava uma postura de atriz "séria". Fez filmes do Cinema Novo e filmes de cangaço, teatro de revista, novelas de Glória Magadan, oscilando entre uma posição de prestígio no mundo artístico e uma posição marginal neste mesmo mundo.

Como lembra Bourdieu, o estilo pessoal não é senão um "desvio", regulado e codificado, em relação a um estilo próprio a uma época ou a uma classe. Basta, então, cada um deixar-se levar por sua "natureza", isto é, pelo que a história fez deles, para estarem "naturalmente" ajustados ao mundo histórico com o qual se defrontam, para fazerem o que é preciso, "para realizarem o futuro potencialmente inscrito nesse mundo em que eles estão como peixes dentro d'água"<sup>8</sup>. É na profissão de atriz que Leila parece "deixar-se levar por sua 'natureza'" e encontrar o seu lugar, "como peixe dentro d'água".

Leila, dizem os meus entrevistados, se expunha totalmente, não somente em jornais e revistas, mas também no cinema e no teatro. Neste sentido, acredita-se que seus personagens, alegres, sensuais, sinceros, irreverentes, eram semelhantes à intérprete Leila Diniz, ou, "ela era ela mesma", no palco e na vida.

---

<sup>7</sup> VELHO, Gilberto. *Vanguarda e Desvio*. In *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre *Coisas Ditas* São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 130

A condição de atriz lhe permitiu, também, ter acesso aos meios de comunicação para reafirmar publicamente suas idéias e comportamentos. Ela não só tinha comportamentos que contestavam as normas vigentes, como provavelmente muitas mulheres de sua geração e de seu grupo, mas podia afirmar publicamente, e não apenas diante de um círculo de amigos (sua "patota"), através de entrevistas e de seus trabalhos como atriz, uma forma de ser mulher concorrente ao modelo tradicional. A raridade desta conduta de Leila é melhor percebida se a relacionarmos ao momento político existente quando de seu trabalho como atriz e de suas entrevistas. Até mesmo a perseguição política que sofreu, em função de seus comportamentos considerados transgressores pelos grupos reacionários e conservadores, reforçou seu reconhecimento como mulher revolucionária entre os que desejavam legitimar um padrão concorrente de ser mulher em oposição ao padrão tradicional. A repressão e a censura imposta pelos militares é um elemento importante para se compreender a consolidação da imagem de Leila Diniz como um símbolo da alegria e do prazer em tempos de trevas. Depois da entrevista a *O Pasquim*, em novembro de 1969, Leila se tornou musa de homens e mulheres que lutavam por liberdade em plena ditadura militar, não por suas teorias ou idéias políticas, mas por sua forma livre de agir e falar. A entrevista repercutiu nacionalmente e causou muita polêmica, não apenas pelos inúmeros palavrões transformados em asteriscos ou pelos temas considerados tabus (virgindade, infidelidade, liberdade sexual), mas por exercer o direito de expressão em tempos de censura e repressão política. Leila foi considerada subversiva e quase foi presa pela ditadura militar, por uma atitude ambigualmente classificada entre os campos da moral e da política. Depois desta entrevista, Leila sofreu dupla acusação de desvio: alguns a consideraram "porra-louca", "desbundada", "esquerda festiva", outros a chamaram de "puta" e "subversiva". A partir de então consolidou-se a sua imagem de mulher revolucionária, exercendo fascínio e causando polêmica em todo o Brasil.

Ao interpretar a si mesma no cinema, em um filme-análise do seu ex-marido e ao fazer confissões públicas em *O Pasquim*, Leila espelhava os novos valores cultivados pela Psicanálise e pela contracultura: autenticidade, espontaneidade e, principalmente, busca do prazer e da liberdade, em particular, da liberdade sexual.

A sua transformação em mito, símbolo, musa, deve-se, também, à combinação particular que Leila Diniz fez de traços percebidos socialmente como masculinos com outros considerados femininos. De acordo com depoimentos de familiares e amigos, Leila sintetizava traços de personalidade que, em geral, não estão presentes em uma só pessoa. Ela era "todas as mulheres do mundo": revolucionária e sensual; corajosa e feminina; guerreira e sexy; crítica e alegre; questionadora e terna; combativa e suave; audaciosa e cativante; inovadora e doce. Este jogo de oposições a tornou uma mulher especial, diferente das "revolucionárias agressivas" ou das "feministas não femininas". Leila tornou-se um mito porque foi revolucionária de uma maneira muito feminina, expressando de forma autêntica e espontânea o anseio de

liberdade que, em geral, era recalcado. Enfim, Leila fazia e dizia o que mulheres e homens queriam fazer e dizer, mas não tinham coragem.

Neste ensaio trabalhei com alguns fatos da trajetória de Leila Diniz amplamente divulgados e, portanto, de conhecimento público. Não poderia, no entanto, deixar de registrar alguns dados dos depoimentos que colhi de pessoas que conviveram intimamente com Leila (irmãos, tios, primas e amigos). Em primeiro lugar, todos os entrevistados lembram da alegria irradiante de Leila; do seu bom-humor permanente, da sua exuberância, da forma positiva com que ela enxergava a vida e enfrentava os problemas, do seu prazer com o sol, a praia e o mar. Ao lado disso, a entrega profunda a cada amor, a cada trabalho, a cada amigo, a cada momento. Leila vivia intensamente as alegrias e tristezas, sem medo dos seus sentimentos. Em seguida, a coragem de assumir seus desejos, de ser verdadeira, de fugir dos padrões e romper com as expectativas sociais, de expor seus pensamentos, suas dúvidas, seu modo de ser, seu corpo. Também a atitude digna, ética, coerente e respeitosa frente aos outros: amigos, amantes, irmãos e pais, companheiros de trabalho ou fãs. E, por último, a generosidade de Leila, o seu desprendimento e a sua capacidade de doação e de amor. Esses e outros traços da sua rica personalidade fizeram de Leila Diniz uma mulher encantadora que, até hoje, mais de vinte anos após a sua morte, continua seduzindo homens e mulheres que não deixam a sua imagem, doce e revolucionária, ser esquecida.

O comportamento de Leila, percebido como "uma ameaça em potencial aos princípios da moralidade pública" é um importante retrato das transformações dos papéis femininos em sua geração. Comportamento que era exercido por algumas mulheres e oculto (por parecer vergonhoso para uma mulher assumir sua sexualidade livremente) ou reprimido pela grande maioria. Leila tornou-se um modelo de **mulher livre**, uma mulher que teve a coragem de fazer e dizer o que muitas mulheres gostariam de fazer e dizer. Neste sentido, o comportamento desviante foi transformado em um valor positivo, em um estilo de vida distintivo que possibilitou uma maior visibilidade social, o que pode ser desejável em algumas profissões ou carreiras, como a de atriz.

Com a noção de "revolução simbólica", de Bourdieu<sup>9</sup>, pode-se compreender melhor a definição de Leila Diniz como uma mulher revolucionária. Ao entender a luta simbólica como uma luta que pode ser realizada por um indivíduo, na sua existência cotidiana, que busca mudar as categorias de percepção e de apreciação do mundo social, transformando a realidade social, percebe-se que Leila contribuiu para o reconhecimento de comportamentos femininos que contestavam a ética e a estética existentes. Esta noção é fundamental para se entender o tipo de revolução que Leila fez, uma mulher que fazia e dizia o que muitas mulheres tinham o desejo de fazer e dizer mas não tinham coragem ou faziam mas ficavam condenadas ao silêncio ou à sensação de culpa. Leila usou o seu nome (capital simbólico) e o acesso que tinha à palavra pública, assim como seu trabalho como atriz, para afirmar

---

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_ *La Distinción* Madrid: Taurus, 1988.

comportamentos considerados desviantes frente ao modelo tradicional de ser mulher e, ao fazer isso, contribuiu para a aceitação de um padrão de comportamento que era vivido como um estigma.

Aqueles que denunciaram e perseguiram Leila como uma subversiva talvez estivessem certos. O poder de nomear, destaca Bourdieu<sup>10</sup>, sobretudo o de nomear o inominável, o que ainda não foi percebido ou que está recalçado, é um poder considerável, é um poder de criação. Para o autor, o poder das palavras pode ser percebido quando elas fazem com que sejam vistas coisas que só existiam no estado implícito, confuso, quando não recalçado. Esta parece ser a revolução de Leila: trazer à luz do dia comportamentos femininos já existentes mas que eram vividos como estigmas, proibidos, ocultos, recalçados.

É interessante como os depoimentos que colhi destacam que muitas mulheres diziam as mesmas coisas que Leila dizia, mas Leila **dizia e fazia**, acumulando assim reconhecimento frente aos que desejavam contestar o modelo tradicional de ser mulher. Parece que não havia uma estratégia, por parte de Leila, de se afirmar como inovadora de costumes, mas apenas de afirmar publicamente o comportamento que tinha em sua vida pessoal. Nota-se, assim, que o reconhecimento que Leila conquistou está ligado à correspondência entre seus comportamentos efetivos e o que dizia que fazia. A conduta de Leila não está remetida a princípios gerais ou “bandeiras” políticas, mas a sua conduta singular, à forma particular que ela encontrou para enfrentar seus próprios problemas. Neste sentido, Leila é percebida como uma “revolucionária na prática”. Ao buscar resolver seus problemas, Leila abriu possibilidades para outras mulheres enfrentarem problemas semelhantes.

Leila **inventou** seu lugar no mundo, fez um **nome**, tornou-se palavra autorizada, reconhecida, como na música de Erasmo Carlos (“Como diz Leila Diniz...”), eternizou seu nome no poema de Drummond (“Leila para sempre Diniz”) e passou a ser adjetivo na música de Rita Lee (“Toda mulher é melo Leila Diniz”). Afinal, foi Leila quem disse: “A diferença entre mim e as outras pessoas do meio é que enquanto elas estavam apenas falando, eu gritava tudo o que tinha para gritar. Passei a ser uma moça *sexy* na opinião de todos, defendendo uma porção de idéias. E todos se perguntavam: mas moça *sexy* pensa? As pessoas passaram a me dar muita atenção. A imprensa capitalizou e tudo quanto eu falava virava imediatamente uma zorra. Não sei se foi loucura ou coragem minha, mas sempre me expus muito. De certa forma, acho que é isso que ainda sustenta essa coisa engraçada chamada mito.

Sou uma pessoa livre e em paz com o mundo. Conquistei a minha liberdade a duras penas, rompendo com as convenções que tolhiam os meus passos. Por isso, fui muitas vezes censurada, mas nunca vacilei, sempre fui em frente. Tudo que fiz me garantiu a paz e a tranquilidade que tenho hoje. Sou Leila Diniz, qual é o problema?”.

---

<sup>10</sup> Ibidem.